

OS CAMINHOS DA PESQUISA DE CAMPO EM GEOGRAFIA

Rita de Cássia Ariza da Cruz
Departamento de Geografia - USP

Introdução

No amplo universo de pesquisa em Geografia, investigações de cunho puramente teórico-metodológico somam-se àquelas cujo caráter se define pela análise de um dado fenômeno, uma dada realidade, em uma dada porção do espaço.

Em ambos os casos, o trabalho de gabinete (reflexão, leitura, redação) consome grande parte do tempo de investigação e constitui parte substancial do processo de pesquisa. Em ambos os casos, por outro lado, o trabalho de campo constitui, igualmente, estratégia importante de análise, muitas vezes imprescindível.

A pesquisa de campo representa uma possibilidade concreta de contato direto entre pesquisador e realidade estudada, o que permite a apreensão de aspectos dificilmente vislumbrados através somente do trabalho em gabinete.

Além disso, há que se ressaltar outros aspectos, como:

a realidade muda muito rapidamente e toda bibliografia produzida sobre um dado fenômeno ou lugar pode se defasar, conseqüentemente, com esta mesma velocidade;

a visão que se tem de um dado fenômeno ou espaço estudado é sempre carregada de uma certa carga de subjetividade, fruto do contexto sócio-cultural, histórico, econômico, político, religioso em que se insere o observador. Assim, a forma como um autor vê e descreve tal fenômeno ou lugar não coincide, necessariamente, com o modo como uma outra pessoa vê este mesmo fenômeno ou lugar;

a ausência ou insuficiência de dados/informações sobre o(s) tema(s) estudado(s) pode ocorrer com frequência. Em muitos casos, portanto, o pesquisador, de forma a viabilizar seu trabalho de investigação, é levado a construir ou aprimorar

esta base de dados, através da pesquisa direta em campo;

muitas vezes, dados/informações procurados somente são encontrados na localidade/região onde se insere o fenômeno/lugar estudado que, não necessariamente, corresponde ao lugar de residência do pesquisador.

Uma frase do Prof. Yázigi ¹ repetidamente transmitida a seus orientandos, revela, com clareza, a importância da pesquisa de campo em Geografia:

Nada substitui o trabalho de campo.

Objetivando expor e colocar em discussão uma metodologia de pesquisa de campo em Geografia, este texto encontra-se dividido em duas partes: na primeira, são abordados os processos de planejamento e de realização de um trabalho de campo; na segunda, é relatada uma experiência recente de pesquisa de campo no litoral nordestino, atrelada à minha tese de doutoramento em Geografia Humana pelo Departamento de Geografia da USP.

A preparação de um trabalho de campo

O planejamento prévio de um trabalho de campo é condição *sine qua non* para que o mesmo seja bem sucedido e este planejamento deve contemplar, entre outros aspectos, aqueles expostos a seguir:

- Definição de objetivos

Quando um pesquisador decide realizar uma

¹ Eduardo Yázigi é professor do Depto. de Geografia da Universidade de São Paulo.

pesquisa de campo deve ter claros os objetivos que o conduzirão ao longo do trabalho, pois é em função desses objetivos que são definidas as atividades a serem desenvolvidas.

O trabalho de campo, atrelado que está a uma pesquisa (trabalho de graduação, dissertação de mestrado, tese de doutoramento...) deve ter objetivos, naturalmente, consonantes com os objetivos desta pesquisa. Se tenho, por exemplo, como *objetivo geral* em uma dada investigação (seja ela em que nível for) avaliar repercussões ambientais do processo de urbanização na Região Metropolitana de Salvador, os objetivos do(s) trabalho(s) de campo que eu vier a realizar devem ser decorrentes deste objetivo geral.

Além de um ou mais objetivos gerais, a realização do trabalho de campo tem, também, correntemente, *objetivos específicos*. É através dos objetivos específicos que se define, com precisão, os dados/informações que se deseja buscar através da pesquisa de campo.

Os objetivos específicos são desdobramentos dos objetivos gerais que norteiam o processo de investigação e, de sua clareza, depende, também, o bom andamento da pesquisa de campo.

Ao se estabelecer objetivos gerais e específicos de uma pesquisa são levantadas, conseqüentemente, uma ou mais *hipóteses* que, juntamente com os objetivos, norteiam o trabalho de investigação.

Uma hipótese, cabe ressaltar, é sempre algo sobre o que não se tem certeza e, portanto, não há sentido em se realizar um trabalho de pesquisa tendo como meta “comprovar” que tal ou qual hipótese é verdadeira. Em assim sendo, a hipótese deixa de ser hipótese para se constituir em objetivo.

É muito comum, porém, encontrar este tipo de equívoco metodológico na pesquisa de campo. Por que se deveria ir a campo para comprovar algo que já se conhece previamente? Isto seria trabalho, talvez, para jornalistas, e não para um pesquisador.

- Preparação de um plano/roteiro

Definidos os objetivos gerais e específicos e levantadas as hipóteses, o passo seguinte é a preparação de um plano ou roteiro de trabalho.

O plano de trabalho de campo nada mais é do que o planejamento detalhado das atividades a serem realizadas. Este plano/roteiro cumpre papel

fundamental para o bom andamento da investigação, já que, além de trazer os objetivos que norteiam a pesquisa de campo, dele devem constar, também, uma listagem dessas atividades, bem como um cronograma de realização das mesmas.

Durante a realização da pesquisa de campo o plano/roteiro de trabalho constitui uma espécie de ‘guia de orientação’ ao qual o pesquisador deve estar sempre atento, de forma a “não se perder” dos objetivos que norteiam sua investigação.

- Elaboração de um cronograma

Uma pesquisa de campo pode abranger desde algumas horas até meses ininterruptos de trabalho e, em ambos os casos, a elaboração de um cronograma pode ser fundamental.

O cronograma é estabelecido em função de diversas variáveis, dentre as quais:

- tempo aproximado que se calcula como necessário para a coleta dos dados/informações procurados;
- características/condições do(s) lugar(es) onde se dará/darão as atividades de pesquisa de campo (condições naturais e sócio-ambientais);
- disponibilidade de tempo do pesquisador;
- necessidade/disponibilidade de recursos para a realização da pesquisa de campo;
- imprevisibilidades.

Considerando o exposto acima, o cronograma de trabalho de campo deve ter alguma flexibilidade, pois sua rigidez é, facilmente, desbancada pelos imprevistos, passíveis de acontecer durante todo o processo de investigação.

Tais variáveis evidenciam, ainda, a intrínseca relação entre *plano de trabalho e cronograma*: um influencia diretamente o outro e a ponderação entre os mesmos é dada em função dos objetivos preestabelecidos.

A realização do trabalho de campo: enfrentando dificuldades, criando soluções

Uma pesquisa de campo bem planejada é um passo concreto no sentido do sucesso de sua realização. (Entenda-se, neste caso, como sucesso, a satisfação dos objetivos previamente estabelecidos).

Nem tudo, porém, pode ser previsto pelo

planejamento de uma pesquisa de campo: imprevistos ocorrem com frequência.

No caso, por exemplo, da realização de uma cobertura fotográfica ou videográfica em uma dada área, condições meteorológicas podem ser determinantes. Se se deseja realizá-la sob a luz do sol, mas dias chuvosos se sucedem, será necessário aguardar um dia com tempo apropriado.

O levantamento de dados/informações nas mais diversas instituições está sujeito ao horário de funcionamento destas e a eventuais entraves burocráticos para o acesso à documentação. Em caso de realização de entrevistas, problemas das mais diversas naturezas podem impedir que estas sejam realizadas nos dias/horários agendados. Daí a necessidade de flexibilização do cronograma, de forma a ajustá-lo a situações novas, impossíveis de serem previstas com antecedência.

As eventuais dificuldades que aparecem durante a realização do trabalho de campo exigem do pesquisador criatividade para superá-las, na busca de soluções apropriadas.

A impossibilidade definitiva de realização de uma dada atividade prevista no plano de pesquisa de campo pode comprometer o resultado de todo o trabalho. Isto exigirá do pesquisador sua substituição por outra atividade, equivalente ou não, capaz de levá-lo a atingir os mesmos objetivos preestabelecidos.

Imagine-se, por exemplo, o caso de um pesquisador, em meio à realização de uma pesquisa de campo, em uma localidade muito distante de seu local de moradia habitual, e que, entre as atividades por ele a serem desenvolvidas, inclui-se o levantamento de fontes primárias, em um dado acervo público.

Quando o pesquisador chega a esta localidade, descobre que este acervo acaba de ser fechado para atendimento ao público, por motivo de reformas e que somente deverá reabrir após alguns meses.

Se o pesquisador não pode aguardar a reabertura do acervo, terá que procurar outras formas para acessar esta documentação. Uma possibilidade é a consulta a outros acervos, públicos ou privados, eventualmente existentes nesta localidade e/ou região. Em caso de o pesquisador estar buscando uma publicação rara ou única de um dado acervo, uma outra possibilidade é o envio posterior de um ofício à respectiva instituição, solicitando o fornecimento de cópia(s) do(s) referido(s)

documento(s), já que durante o trabalho de campo, por motivos alheios à sua vontade, não foi possível copiar esta documentação.

Não se trata, portanto, de criar soluções ao estilo *Macgiver*, personagem conhecido de filmes de aventura. Um embasamento teórico-metodológico consistente e o conhecimento prévio do fenômeno/fato/lugar estudado permitem encontrar as soluções necessárias às dificuldades surgidas, com maior precisão e facilidade.

Uma pesquisa de campo ao longo do litoral nordestino

Como parte do processo de investigação de minha pesquisa em nível de doutoramento, intitulada *Políticas de turismo e construção do espaço turístico-litorâneo no Nordeste do Brasil: 1975-1995*, está prevista a realização de dois trabalhos de campo.

Tendo esta pesquisa como objetivo geral avaliar repercussões de políticas de turismo recentes sobre a construção do espaço turístico-litorâneo nordestino, o trabalho de campo é, neste caso, imprescindível.

O primeiro dos trabalhos de campo previstos foi realizado entre os meses de dezembro/96 e janeiro/97 e, a seguir, exponho o Plano de Trabalho que norteou sua realização. Este plano está subdividido em Objetivos Gerais e Específicos, Hipóteses, Atividades e Cronograma.

- **Objetivos Gerais**

levantamento de fontes primárias (dados em geral e documentação oficial), concernentes aos objetivos específicos estabelecidos no Projeto de Pesquisa, produzidas no âmbito regional;

levantamento de fontes secundárias (textos técnicos, livros, dissertações e teses) produzidas na região;

levantamento de documentação cartográfica de todo o litoral nordestino e das áreas específicas de implantação de megaprojetos e de projetos atrelados ao PRODETUR;

realização de cobertura fotográfica das áreas de implantação desses projetos, a ser utilizada como recurso iconográfico para análise posterior em gabinete;

realização de entrevistas com profissionais (técnicos, professores, ambientalistas etc.)

atuantes nas áreas de planejamento urbano e do turismo.

- **Objetivos específicos**

Dos objetivos gerais, desdobram-se os seguintes objetivos específicos:

levantamento de dados/informações sobre cada megaprojeto implantado e/ou em implantação no litoral nordestino (PRODETURIS, CE; Projeto Parque das Dunas-Via Costeira, RN; Projeto Costa do Sol, PB; Projeto Costa Dourada, PE e AL; Projeto Orla, SE; Projeto Linha Verde, BA);

levantamento de dados/informações sobre projetos atrelados ao PRODETUR/NE, gerenciados pela SUDENE e pela CTI/NE;

levantamento de dados/informações sobre a evolução do turismo nas escalas regional e estadual no período de 1975 a 1995 (período abrangido por esta pesquisa);

levantamento de dados/informações que subsidiem a avaliação de implicações desses projetos sobre o meio sócio-ambiental, considerando-se características específicas das respectivas áreas de implantação (em escala local) e da região como um todo (análise das repercussões em escala regional).

- **Hipóteses**

As hipóteses que nortearão o trabalho de campo são aquelas levantadas no Projeto de Pesquisa:

as políticas de turismo recentes do Nordeste, a partir da concentração da infra-estrutura, estão contribuindo para a incrementação do fenômeno de segregação espacial da atividade turística;

estas políticas pouco têm contribuído para a melhoria da qualidade de vida das populações das áreas litorâneas por elas atingidas;

a política de megaprojetos, apesar do discurso ambientalista que a permeia, tem gerado impactos ambientais negativos nas áreas por ela atingidas;

- **Atividades**

Para alcançar os objetivos anteriormente listados estão previstas as seguintes atividades:

consulta a órgãos/instituições municipais (no caso de municípios abrangidos pelos referidos projetos) e estaduais de turismo (Secretarias de

Turismo e órgãos afins);

consulta a órgãos/instituições municipais (no caso de municípios abrangidos pelos referidos projetos) e estaduais de planejamento urbano;

consulta à CTI-NE - Comissão de Turismo Integrado do Nordeste (sede em Recife), instituição de caráter regional, atuante no processo de desenvolvimento do turismo na região;

consulta à SUDENE (escritórios localizados nos estados), órgão federal, atuante no processo de desenvolvimento do turismo na região;

consulta às Universidades Federais, Estaduais e privadas.

Os governos dos municípios nordestinos têm tido pouca ou nenhuma participação no gerenciamento do processo de desenvolvimento do turismo regional, já que as decisões e a gestão propriamente dita deste processo têm sido centralizadas pelos respectivos governos estaduais.

Desta forma, a pesquisa junto às instituições/órgãos citados deve iniciar-se por aqueles da esfera estadual, a partir dos quais se poderá levantar os municípios abrangidos pelos respectivos projetos e sua eventual participação na concepção e implantação desses projetos.

Embora haja em cada estado nordestino um megaprojeto ou um projeto atrelado ao PRODETUR/NE (há casos em que há sobreposição entre estes), há quatro estados em que passos muito tímidos foram tomados até o momento no sentido da concretização desses projetos. Esses estados são: Maranhão, Piauí, Sergipe e Paraíba. Fatores econômicos, políticos e conjunturais explicam tal constatação e, neste caso, o levantamento de dados nesses estados deve partir, também, dessas premissas.

- **Cronograma**

Considerando que cada estado nordestino encontra-se em um diferente estágio dentro do processo de desenvolvimento do turismo regional, e que é difícil de se prever o grau de facilidade e/ou dificuldade a ser encontrado para o levantamento de dados/informações anteriormente descritos, estabeleci uma média de permanência em cada estado, de cinco dias úteis.

No caso dos estados do Maranhão, Piauí, Paraíba e Sergipe, em que projetos turísticos encontram-se em fase embrionária, pode acontecer

de em menos do que cinco dias serem levantados todos os dados/informações procurados. No caso dos outros estados, em que estes projetos encontram-se em adiantado processo de implantação, cinco dias podem ser insuficientes, devendo ocorrer, portanto, a prorrogação de minha estada.

Desta forma, este trabalho de campo tem como orientação o seguinte cronograma:

Estados	Período de realização do trabalho de campo
Maranhão	02 a 06/12/96
Piauí	09 a 13/12/96
Ceará	16 a 20/12/96
Rio Grande do Norte	30/12/96 a 03/01/97
Paraíba	06 a 10/01/97
Pernambuco	13 a 17/01/97
Alagoas	20 a 24/01/97
Sergipe	27 a 31/01/97
Bahia	03 a 07/02/97

Os finais de semana devem ser utilizados para deslocamento entre uma e outra localidade e, ainda, para realização de cobertura fotográfica e/ou videográfica, já que outras atividades, como consulta a órgãos públicos, ficam inviabilizadas neste dias.

O levantamento de nomes de pessoas a serem entrevistadas em cada localidade deve ser feito com antecedência e, quando possível, as entrevistas devem ser agendadas previamente. Isto agiliza o trabalho de campo e ajuda a evitar eventuais desencontros.

Endereços e telefones de instituições/órgãos a serem consultados devem ser levantados, também, com antecedência, de forma que as consultas possam ser previamente agendadas. Este contato anterior, via telefone, permite, igualmente, agilizar o trabalho de campo e evitar contratemplos.

Considerações Finais

Uma das dificuldades que encontrei, por exemplo, ao longo deste trabalho de campo, diz respeito ao horário de funcionamento de órgãos/instituições públicas, estaduais e municipais. Diferentemente do que ocorre em São Paulo, grande parte das repartições públicas no Nordeste do Brasil têm um horário de atendimento ao público reduzido a meio período: em algumas localidades este atendimento se dá apenas na parte da tarde, em outras, somente de manhã.

Desta forma, logo no início do trabalho de campo, no estado do Maranhão, tive que me reprogramar, de forma a maximizar o aproveitamento do horário de atendimento ao público das instituições/órgãos que eu deveria consultar. Caso contrário, dificilmente eu conseguiria realizar todo o trabalho sem grandes alterações no cronograma.

Embora não tenha sido possível obedecer ao cronograma de forma estrita, pude concluir o trabalho dentro do período previsto. Além disso, a pesquisa de campo foi bastante produtiva, já que pude ter acesso à documentação textual e cartográfica que necessitava, realizar diversas entrevistas (algumas programadas, outras não), proceder a primeira cobertura fotográfica da área de estudo e observar e viver, durante este tempo de realização do trabalho de campo, a realidade dessas localidades que me proponho estudar.

Cabe colocar, por fim, que a pesquisa de campo é, sempre, por demais enriquecedora, não somente no que concerne ao trabalho de investigação propriamente dito mas, inclusive, no que diz respeito ao plano pessoal.

O trabalho de campo pode ser um caminho certo para o amadurecimento intelectual do pesquisador e, contribui, portanto, para o fortalecimento de sua pesquisa e de suas atividades acadêmicas, de modo geral.